

Kirlla Cristhine Almeida Dornelas¹

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Brasil

Cultivando a solidão feminina e suas delicadas relações a partir dos romances de Clarice Lispector

Resumo: As particularidades humanas, assim como o modo de pensar e agir, são reveladas na literatura de Clarice Lispector. Sobretudo o universo feminino em suas nuances e condições expõem a mulher a se perguntar quem sou eu. As narrativas claricianas começam apresentando os valores sociais preestabelecidos que buscam moldar a identidade feminina. Porém a rotina ao mesmo tempo em que ajuda a consolidar papéis promove às protagonistas uma aflição de não pertencer aquele cenário. As relações interpessoais das personagens não são significativas e aos poucos esse falso equilíbrio é exposto. A crise demonstra que as mulheres são desconhecidas para si mesmas e de repente, a solidão abre espaço para autodescoberta. Os romances de Lispector são tramas internas e mostram o processo de conscientização do eu feminino. A solidão é um elemento importante para constituição do sujeito e no trabalho de Clarice Lispector, a solidão é um elemento de regeneração e geração da mulher. Dentro das tramas particulares de algumas personagens, trazemos ainda ponderações sobre como solidão e amor se articulam na vida dessas mulheres. Nessa busca de compreender a importância da obra de Clarice nas reflexões sobre o feminino, a literatura pode ser ilustração, como também servir de agente de identificação e referência na construção do ser mulher.

Palavras-chaves: Clarice Lispector; solidão; mulher; literatura; relacionamento.

Title: Cultivation the women's loneliness and their delicate relations from the novel by Clarice Lispector

¹ Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Brasil. Membro do CIPRI – Centro Internacional para a Pesquisa do Relacionamento Interpessoal, consultora de pesquisa de mercado e psicóloga clínica.

Endereço completo para correspondência:

Rua Planalto, nº 123 – Mata da Serra – Serra – ES – CEP: 29168 260

Telefones: (55xx27) 3318 4701/ 8111 1618

E-mail: kirlladac@yahoo.com.br

Abstrac: The human features are revealed in the literature of Clarice Lispector, the way of thinking, acting, design values, and to live. Especially the female universe in its nuances and conditions expose the woman to ask who I am. The narratives claricianas begin presenting how societal values shape female identity. Even acting in accordance with the rules, the players are taken by restlessness and the absence of belonging's sensation. The interpersonal relationships of the characters are not significant and that false balance is exposed. The crisis shows that women are unknown to themselves and suddenly, the solitude makes room for awareness. The novels of Lispector are psychological and indicate the process of awareness of self females. The loneliness is an important element in building the subject and the work of Clarice Lispector, the solitude is an element of regeneration and generation of women. Within the frame of some particular characters, the concepts like solitude, loneliness, women and love are discussed also. To understand the importance of the work of Clarice in the reflections on women has the literature as support, but also serve as an agent for identification and reference in the construction of a woman.

Keywords: Clarice Lispector; loneliness; woman; literature; relationship.

INTRODUÇÃO

O ser humano é social. Esse comentário quase clichê chama atenção para a importância das relações interpessoais para a constituição do indivíduo e para a sensação de bem-estar humano. O desenvolvimento da empatia, a partilha de idéias e valores sociais, a intimidade, a comunicação, as similaridades e complementaridade são alguns dos aspectos apresentados como parte das relações. Mas o que ocorre quando se dá a ausência deste vínculo ou a sensação de que ao relacionamento falta algo, ou mesmo a preferência pelo isolamento ao invés de buscar a proximidade com outras pessoas?

A literatura é carregada de significados sociais, ela pode ser fonte de pesquisa da psique humana e de como esta apreende o mundo. Para isto, concebemos a leitura como um processo de

conspiração com o leitor, que ao se identificar com as personagens, se insere num contexto interpessoal, possibilitando a compreensão de si mesmo e das questões apresentadas. A personagem interpreta uma ação e a análise envolve além da ação em si, a interpretação sobre esta em seu contexto psicossocial que o leitor se coloca. Esta análise capta então, a relação entre leitor e personagem, mas também as organizações sociais do leitor para criar a identificação.

O escritor capta em sua produção, as interações sociais, econômicas e culturais. As personagens representam faces e papéis que exercidos na sociedade. Ao utilizarmos o texto literário como uma representação de como as pessoas vivenciam suas relações através das personagens, podemos capturar a experiência dos processos psicossociais e verificar através da análise de seus conteúdos, os sentimentos humanos. De acordo com Rosa (1998) a literatura revela a dinâmica social por apresentar situações semelhantes à realidade, revelando as particularidades humanas, o modo de pensar, agir, de conceber valores, de ser e viver. Neste sentido, a reflexão sobre a solidão pode ser realizada pela análise da produção literária, uma vez que as tramas apresentadas pelo autor são carregadas de significados sociais.

Nesse contexto, temos a obra de Clarice Lispector, uma autora que compreende bem o seu papel de capturadora das interações sociais, econômicas e culturais vigentes em sua época. Embora a literatura carregue essa marcação histórica, Clarice presentifica as emoções por se preocupar com o que há “por dentro” de seus personagens, o seu foco é psicológico. Portanto, é fácil para o leitor se projetar e se identificar com suas heroínas ainda nos dias de hoje. Suas reflexões sobre os matizes do feminino são atemporais.

Os romances de Clarice Lispector têm como foco a mulher e suas relações interpessoais. Sua literatura é reveladora das particularidades humanas, o modo de pensar, agir, de conceber valores, de ser e viver. O contato com as protagonistas de Clarice tem consigo e com os outros dão o tom da condição feminina. Diante disto, os romances apresentam os padrões de comportamentos esperados para a mulher burguesa: casamento, a maternidade, lidar com a casa e os filhos, como se não houvesse mais nada que a mulher pudesse desejar. Seu mundo é limitado pela sua condição de mulher. Como existir é muito mais do que responder às normas, as protagonistas são tomadas por uma inquietação, um sentimento de não ser ou pertencer mesmo agindo conforme a moral pré-estabelecida. Como diz Barreto (2004), suas personagens expõem e aprofundam as questões recorrentes de sua ficção, como o amor, a vida, a morte, o mistério dos

seres e das coisas, além do sentimento de solidão. Sobre este processo, esclareceremos alguns pontos a seguir.

SOLIDÃO: CONCEITOS

As pessoas têm como motivação básica o desejo de pertencimento e de participar de relacionamentos próximos (Baumeister & Leary, 1995). Sendo então, que a limitação nas relações interpessoais causa de grande sofrimento. Quando há o entrave dos relacionamentos, dá-se a solidão.

Alguns autores associam a quantidade e a qualidade dos relacionamentos interpessoais para identificar a solidão. Neste caso, podemos defini-la como ausência de intimidade ou proximidade entre as pessoas (Russel et al, 1984) ou a presença de redes de relacionamentos muito pequenas (Berg & McQuinn, 1989). Já Peplau e Perlman (1982) consideram a solidão como uma experiência de lacuna entre o que se espera dos relacionamentos e a realização dos contatos, associando então a solidão às expectativas sobre as relações interpessoais. A solidão também pode ser compreendida como uma ausência de satisfação nos relacionamentos (Young, 1982). Seja um déficit nos relacionamentos ou na percepção dos mesmos, a solidão é avaliada como algo negativo.

Os conceitos acima apresentam a solidão ora como um estado mental de isolamento ora como um contato limitado com as pessoas. Larose, Guay e Boivin (2002) destacam que as relações interpessoais e conseqüentemente isolamento devem ser analisados considerando a experiência da solidão como resultante do contexto social que promove a limitação na rede de relações da pessoa; as características individuais e a percepção sobre o mundo e sobre os relacionamentos.

O aspecto social tem destaque no trabalho de Weiss (1982) ao distinguir solidão social e solidão emocional. A primeira refere-se ao tempo que as pessoas dispensam à vida social - e como isto pode resultar em uma menor integração nas redes sociais e um envolvimento superficial das relações com amigos, vizinhos, colegas, em geral. Já a solidão emocional

apresenta-se como um vazio experimentado pelo sujeito em seus relacionamentos, ou seja, a pessoa não se sente próxima de seus familiares e par amoroso, por exemplo.

Mediante as características apresentadas, a solidão não significa necessariamente a ausência dos relacionamentos interpessoais, mas a ausência do sentimento de “pertencimento” e/ou de alguém que ajude na referência de ser no mundo. A presença do outro auxilia no processo de formação da identidade, na distinção de preferências e gostos, permite o compartilhar de diferenças e similaridades e estabelece parâmetros para as relações sociais (Hinde, 1987).

Parece-nos que a valorização dos relacionamentos interpessoais aumenta a sensação de solidão para aqueles que não partilham os códigos vigentes. Esta perda de algo tão valorizado pela sociedade possivelmente seja a fonte da maior parte do descontentamento, da sensação de falta de sentido e da solidão que vemos recheiar as reportagens de revistas, programas de entretenimento e consultórios psicológicos. De acordo com Zeldin (1994), a mudanças sociais advindas dos fins das tribos para a sociedade do indivíduo e a prosperidade aumentam a probabilidade de “sofrer deste mal”.

Diante disto, a solidão aparece como um grave problema social da atualidade (Rotenberg, 1994), pois o solitário, embora seja um tipo cada vez mais comum em nossa sociedade, é visto como representante de algo indesejado e desagradável (Perlman & Joshi, 1989). De acordo com Lau e Kong (1999) o solitário é menos desejado como amigo, por ser visto como desajustado, mal-sucedido, passivo, pouco sincero e sem objetivos na vida.

A solidão torna o ser humano vulnerável, frágil e dependente, pois a relação não se realiza (Giddens, 1995). Diante disto, esta experiência pode ser subestimada, já que as pessoas parecem não querer identificar-se como uma pessoa solitária. Ou seja, falamos de solidão, mas na verdade há as solidões, pois esta se apresenta de diferentes maneiras ao longo da vida das pessoas. A solidão pode ser circunstancial, desenvolvida ou interna. Além disto, a diferença entre ser sozinho e estar sozinho tem fronteiras tênues que dificultam a compreensão da experiência de solidão, aliado ao fato de ser considerado um fenômeno exclusivo da esfera privada. A solidão não se compartilha, ela também é solitária por não entendermos como parte da vida social.

Porém, a solidão também pode ser positiva para as relações sociais devido à oportunidade de reflexão que o sujeito tem sobre suas experiências ao estar só. A capacidade de estar consigo mesmo - a solidão - é fundamental para a maturação emocional e a qualidade dos relacionamentos interpessoais, além da concretização do encontro. A solidão também facilitaria

a integridade psíquica do sujeito que, ao se conhecer, desenvolveria sua autonomia e seria uma pessoa completa em si mesma, ressalta Winnicott (1982).

Todavia, os sentimentos não podem ser descolados do social, pois é neste campo que a solidão se manifesta com suas estratégias de manutenção ou de transformação. Sofrer de solidão faz parte da existência humana (Dolto, 1998) e, como tal, mesmo na experiência de um sujeito há toda a humanidade ali representada. Ainda mais se pensarmos que nossa evolução social se deu na troca entre as pessoas. Em resumo, a solidão pode ser circunstancial – está acontecendo em virtude de uma situação; desejada – a pessoa está buscando um momento de isolamento; ou interna – não há uma identificação com as pessoas que se convive. Em um momento ou outro as personagens de Clarice se questionam sobre sua relação como o mundo e as pessoas, sendo que essa pergunta também reflete sua condição de ser mulher.

SOBRE A SOLIDÃO FEMININA

Apesar das transformações que causaram impacto nas relações sociais, o simbolismo do universo feminino como um espaço privilegiado da afetividade e dos relacionamentos ainda se mantém. Portanto, o peso da solidão parece ser maior para as mulheres, aspecto reforçado pelos estudos demográficos que apontam um aumento no número de mulheres solteiras, divorciadas e viúvas, sendo que muitas delas moram sozinhas ou são as chefas de suas famílias (Rosaldo, 1995). Além disto, há a solidão na presença do outro, tão bem exemplificada nas tramas propostas por Clarice em seus romances.

A esfera dos sentimentos e relacionamentos é culturalmente considerada feminina. Há diversos trabalhos que mostram as mudanças no papel da mulher, as conquistas de direitos, a inserção no mercado de trabalho e a melhoria na escolaridade. Diante disto, as aspirações femininas de realização pessoal e profissional vêm se deslocando da possibilidade de realização somente com o matrimônio e/ou maternidade (Biasoli-Alves, 2000). Muitas vezes, as mulheres de Clarice não conseguiam assumir essa possibilidade.

O fato da mulher está cada vez mais se inserindo no espaço público, o que sugere uma ampliação na rede social, ou a dedicação maior a vida doméstica como isolamento não encontra respaldo nas pesquisas sobre solidão. Isto é, o gênero não parece ser significativo quando se

estuda esse fenômeno mesmo se considerar idade, estado civil e composição familiar (DeJong-Gierveld, 1998). Além disto, a independência econômica feminina e a entrada no mercado de trabalho possibilitaram às mulheres condições de cuidar das próprias vidas, sendo que as conquistas na atualidade podem garantir benefícios futuros que garantam sua independência. A multiplicidade dos papéis femininos tem proporcionado uma melhoria crescente no bem-estar psicológico de mulheres que tem liberdade de escolha (Possatti & Dias, 2002).

Como observamos na literatura sobre solidão, esta pode ocorrer na presença ou não de outras pessoas. Porém, a variedade de possibilidades atreladas a expectativas conservadoras pode dificultar na integração identitária da mulher. Neste caso, a solidão vem do desamparo de não corresponder aos ideais. Além disto, a contemporaneidade rouba um tempo de auto-dedicação e cultivo dos relacionamentos interpessoais (Tanis, 2003).

Nesse sentido as expectativas em relação aos papéis de gênero podem influenciar, impedindo que os homens admitam que estejam sozinhos, assim como as mulheres, por não querer se mostrar como vulneráveis (Cramer & Neyedley, 1998). Em uma pesquisa coordenada por Néri (2005) ao relacionar casamento e solidão, comparando dados censitários do IBGE – instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 1970 e 2000 mostra que o número de pessoas sós aumentou, tanto homens quanto as mulheres estão mais sozinhos.

Em resumo, as transformações dos papéis femininos, como a inserção no mundo do trabalho, por exemplo, podem ter ampliado a rede social das mulheres. Porém a vida doméstica ou ausência de vida profissional, filhos, amigades ou mesmo um companheiro não é sinônimo de isolamento. Pode haver solidão mesmo com a presença de todos os elementos. Ainda assim, o peso sócio-cultural da solidão parece ser maior sobre as mulheres. Os romances claricianos retratam a busca de superar o limite de ser mulher para tornar-se um ser humano autêntico.

AMOR, SOLIDÃO E A LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR

A solidão é sentimento intenso, complexo e muitas vezes, contraditório. Pois ela representa a distância entre o mundo e o eu, ao mesmo tempo, que demonstra a necessidade social de intimidade. De acordo com Ernst & Cacioppo (1999), as pessoas solitárias são

desconfiadas, consideram que têm pouco controle sobre os acontecimentos sociais, falta confiança em si, vivenciam a afetividade negativamente e geralmente, são descontentes com suas relações afetivas. Apesar disso, os solitários desejam relacionamentos mais próximos. Pois segundo Rougemont (2003) o campo afetivo é o espaço de maior carência da humanidade contemporânea.

O desejo de encontro de um outro que nos complete e garanta o nosso bem-estar é a base do amor romântico. Ou seja, graças ao amor a pessoa pode deixar de ser só para viver uma história única e pessoal. Diante desse contexto todos os seres humanos carregam o sentimento de solidão e incompletude, tendo como missão encontrar a alma gêmea. As personagens de Lispector desejam relacionamentos mais significativos que as retirem de uma vida sem sentido, e muitas vezes, a simples presença de um companheiro não garante isso essa completude. Essa carência das mulheres relatadas nos romances reflete o um campo afetivo empobrecido presente na sociedade contemporânea (Rougemont, 2003).

Como regulador da ordem social, o amor é base de muitas de nossas características culturais, por exemplo, o casamento e o a família. Quando a Igreja Católica instituiu o casamento no Século XVI, foi para mostrar poder implantando um sacramento regulador dos relacionamentos. O matrimônio servia na manutenção dos bens e para criar a família (Priore, 2005). As relações familiares apresentadas na obra de Clarice Lispector parecem consolidar e reforçar o papel da mulher como um ser que serve e se pauta pelos outros (a casa e a família) e não para si mesma.

Embora Fromm (2000) considere que o amor seja vital em nossas vidas para superarmos a angústia da solidão. A busca do apaixonar-se pode ser fruto da mesma solidão. Pois ao querer ser um, é negada ao sujeito a alteridade (Berkin & Morales, 2000). Assim, estar sem a pessoa que te completa é um horror e não saber quem se é quando se está sozinho, revela a ausência de uma identidade própria. Isto cria um círculo vicioso entre a solidão e a busca do amor que causam mais sofrimento ao invés da experiência do amor como vitalidade. Nestas situações ao invés de ser um anseio pessoal de encontro, torna-se mais uma resposta às expectativas sociais, nesse ponto reside os conflitos pelos quais passam as personagens de Clarice.

Com esse pano de fundo, Lispector busca entender a identidade da mulher e o questionamento de seu papel e posição na sociedade. Há momentos em que as personagens sentem que não existem e não vivem para si mesmas. As mulheres apresentadas vivem papéis

reforçados pelas relações que estabelecem com seus maridos, amantes, amados, colegas e filhos. Isso impede a construção de sujeitos autônomos capazes de refletir sobre suas ações, auto-respeitar-se e mobilizar-se para respeitar o outro. Acoplado a busca da identidade, outro tema recorrente nas obras da autora está o amor.

Na busca pelo amor, as mulheres claricianas são sós, e ao se depararem com a solidão questionam quem são. Se a solidão torna o ser humano vulnerável, frágil e dependente, vemos que, no início das narrativas, as personagens não demonstram contato real com o outro, pois a relação consigo mesma não se realiza. Não há um contorno que dê forma a mulher. Deste modo, as relações estabelecidas contribuem para a solidão que as personagens experimentam.

Estar sozinho pode ser uma oportunidade de recuperação criativa, no sentido de criador, tanto pessoal quanto social. Conforme Storr (1996) a aprendizagem e o contato com as outras pessoas necessitam que tenhamos a capacidade de estar só. Apesar do fato que a medida que crescemos há uma tendência de aumentarmos nossa rede social de apoio, saindo do âmbito do privado para o público. Mas, aquele que se sente sozinho apresenta dificuldade nessa transição, assim sua rede pode não ser tão ampla ou oferecer o apoio necessário. Porém de maneira geral, a vida adulta possibilita que haja processos compensatórios de apoio quando este não pode ocorrer com a pessoa esperada (Milevsky, 2005). Aí, pode ser necessário que a pessoa tenha que contar com si própria.

Quando se está alheio de si mesmo, a busca pelo outro é resultado do desespero. Tanis (2003) ressalta que há vários tipos de solidão e uma de suas expressões é aquela onde “o outro não representa companhia ou pertinência, mas um olhar reassegurador da própria existência”. Ao lermos um romance e nos identificar com a narrativa asseguramos esse olhar ao personagem, ao mesmo tempo em que recebemos de volta o olhar do autor.

“O amor por nós mesmos nos impulsiona amar mais e melhor a todos com que se convive. Assim, amar a si mesmo é estimar-se, procurar o sentido de si na própria vida, buscar a realização pessoal por meio de tudo o que se faz e viver dia após dia. Amar-se é lutar por sua individualidade, entendida como disciplina pessoal, interesse e respeito por si mesmo”.

(Montes, 2000)

Na contemporaneidade o individualismo vem em primeiro lugar o associando a igualdade. Essas mudanças colocaram as mulheres como agentes de transformação (Silva, 2006). A

emancipação feminina, o uso da pílula anticoncepcional, a abertura do mercado de trabalho e a maternidade como escolha promoveram mudanças nas esferas públicas e privadas (Szapiro & Feres-Carneiro, 2002).

Essas mudanças promoveram ampliação das possibilidades de interação interpessoal. Todavia, a dificuldade de criar vínculos continua. Os romances de Lispector mostram o processo de conscientização do eu feminino. A autodescoberta identitária as obrigam olhar para dentro de si buscando construir seus significados além dos papéis pré-atribuídos à mulher. Clarice positiva a solidão ao apresentando sua ação transformadora e participação na estruturação da autonomia. Sozinha, as personagens refletem sobre suas necessidades. Ao voltar-se para si a pessoa pode se ver e assim, a solidão mais do que limitar espaços também pode regenerar ou gerar a mulher. Os relacionamentos são marcados em obrigatoriedades de códigos e comportamentos superficiais que reforçam a idéia de que a realidade é resultante da experiência entre duas pessoas ou mais, sem valor em si mesmo. A solidão então se apresenta como um inimigo que deve ser combatido, aumentando os vazios que não são preenchidos na vida pessoal, mas, acima de tudo, social. Sentir-se só não é sentir-se alheio à sociedade. Clarice fala acima de tudo da importância do amor-próprio e nos mostra que ser algo que não se é não promove o encontro com as pessoas.

A LITERATURA CLARICIANA EXPÕE NOSSA SOLIDÃO

A literatura é um veículo de compreensão para o processo de identidades sociais, ao mesmo tempo em que formam e disponibilizam o acesso às interações presentes na formação do humano (Fridman, 2000). Ou seja, ao qualificar, caracterizar, descrever as relações humanas, os romances retratam e produzem o conteúdo dos relacionamentos, expondo muitas vezes faces mal compreendidas e diferentes das relações humanas (Leite, 2000).

O leitor ao estabelecer relação com um livro é como se colocasse em frente a um espelho que põe em cheque seu ser pessoal e social. Clarice Lispector em sua literatura nos convida a um exercício de auto-reflexão. De acordo com Lima (2004), Clarice não considerava que a literatura fosse uma abstração e em seus trabalhos ela convida o leitor a participar de um jogo de emoções e mistérios, pontuados de silêncios que expõe a solidão das estruturas sociais. Neste sentido, ler

Clarice Lispector é pensar na posição da mulher na sociedade, embora me abstenha neste artigo de fazer comentários sobre como o feminino se transformou e criou história. Mais uma vez ressalto como o escrever um livro é reflexo das interações sociais, embora possa ser entendido como um processo particular também.

Cada protagonista de Clarice é única ao mesmo tempo em que reflete todas as mulheres. São personagens que se perguntam sobre o amor e a solidão, tentando encontrar a melhor maneira de agir e de estar no mundo. São histórias de aprendizagem, de crescimento, de desamores e encontro. São mulheres que descobrem que o amor espera que sejamos dignos dele. Temos o exemplo de Lóri, protagonista do romance “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres” (Lispector, 1998c). Ela é professora primária apaixonada por Ulisses, um professor de filosofia. Um casal que tem como o ofício ensinar aos outros, mas que precisa muito aprender sobre suas singularidades. Só assim poderão ter uma relação onde as defesas e os medos são abandonadas para se amar. No encontro consigo mesma, Clarice liberta a mulher que, consciente de sua libertação, começa uma viagem ao seu eu. Em um primeiro momento, Lóri é guiada e orientada por Ulisses, contudo, ela percebe que precisa estar só e assim ir ao encontro dele. Ou seja, Lóri precisa ser autônoma, amar a si mesma, se enxergar para ver o mundo e reconhecer o seu homem amado.

(...) supôs que ele queria ensinar-lhe a viver sem dor apenas, ele dissera uma vez que queria que ela, ao lhe perguntarem seu nome, não respondesse “Lóri”, mas que pudesse responder “meu nome é eu”, pois teu nome, dissera ele, é um eu... (Lispector 1998c: 13)

Em um primeiro momento, os investimentos nos relacionamentos interpessoais são feitos através de comportamentos que reforcem a imagem social esperada. Uma imagem que vem de fora pra dentro e que encapsula o eu feminino, isolando-o. Na medida em que ela vai se conhecendo, seu olhar se volta os aspectos significativos das relações. Para isso é preciso olhar para si mesmo e ver como a vida foi moldando as experiências sem uma consciência de seus atores.

Lembrei-me de ti, quando beijara teu rosto de homem, devagar, devagar beijara, e quando chegara o momento de beijar teus olhos – lembrei-me de que então eu havia sentido o sal na minha boca, e que o sal de lágrimas nos teus olhos era o meu amor por ti. Mas, o que mais me

havia ligado em susto de amor, fora, no fundo do fundo do sal, tua substância insossa e inocente e infantil: ao meu beijo tua vida mais profundamente insípida me era dada, e beijar teu rosto era insosso e ocupado trabalho paciente de amor, era mulher tecendo um homem, assim como me havias tecido, neutro artesanato de vida. (Lispector 1998b: 59)

As descobertas de novas referências que as personagens de Clarice passam as aproximam de si mesmas, e a solidão se instala como companheira. O sentimento de solidão questiona a identidade daquele que o experimenta, pois se trata de uma representação desintegrada do eu. Aí estando sozinho é possível descobrir seus reais contornos e formar um eu autônomo.

... E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz. Não se tratava de uma idiota, mas tinha a felicidade pura dos idiotas. E também não prestava atenção em si mesma: ela não sabia. (Vejo que tentei dar a Maca uma situação minha: eu preciso de algumas horas de solidão por dia senão "me muelo".) Quanto a mim, só sou verdadeiro quando estou sozinho. (Lispector 1998e: 87)

Para a dinâmica saudável do desenvolvimento humano é imprescindível que o sujeito se reconheça como único, responsável por suas próprias escolhas e integrado. Isso impede a construção de sujeitos autônomos capazes de refletir sobre suas ações, auto-respeitar-se e mobilizar-se para respeitar o outro. Como Lóri percebe: "A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano" (Lispector, 1998, p.32). Entretanto, quando as escolhas se colocam de maneira tão fluída na sociedade que a todo o momento está em busca do novo, fica complicado para as pessoas assimilação o que ocorre ao seu redor e aprender a usar seus próprios recursos. Como o ser humano não se conhece, não se torna capaz de reconhecer o outro o suficiente para se comover com o encontro.

E solidão é não precisar. Não precisar deixa um homem muito só, todo só. Ah, precisar não isola a pessoa, a coisa precisa da coisa: basta ver o pinto andando para ver que seu destino será aquilo que a carência fizer dele, seu destino é juntar-se como gotas de mercúrio a outras gotas de mercúrio, mesmo que, como cada gota de mercúrio, ele tenha em si próprio uma existência toda completa e redonda. (Lispector 1998b: 114).

Ao nos identificarmos com a solidão de Lóri, Macabéa, G.H., citando algumas das protagonistas da obra de Clarice Lispector, localizamos nossa solidão e podemos assim legitimar a sua presença na vivência de superficialidades que não promovem o sentimento de pertencer a alguém ou à vida. Não há vínculos.

Não vou fazer nada por ti porque não sei mais o sentido de amor como antes eu pensava que sabia. Também do que eu pensava sobre amor, também disso estou me despedindo, já quase não sei mais o que é, já não me lembro. (Lispector 1998b: 49)

(...) Temos sorrido em público do que não sorríamos quando ficássemos sozinhos. Temos chamado de fraqueza a nossa candura. Temo-nos temido um ao outro, acima de tudo. E a tudo isso consideramos a vitória nossa de cada dia. Mas eu escapei disso, Lóri, escapei com a ferocidade com que se escapa da peste, Lóri, e esperarei até você também estar mais pronta. (Lispector 1998c: 48)

Atualmente estar acompanhado é “vendido” como sinônimo de felicidade. Pois, como lembra Giddens (1995), a solidão torna o ser humano vulnerável, frágil, dependente e muitos têm dificuldade em sentir prazer em estar em sua própria companhia. Mesmo a identidade sendo compreendida como uma produção das relações intragrupos e intergrupos, ela é parte do autoconceito e quando escolhemos qual máscara social (persona – personagem) vamos ser colocamos um anteparo entre o eu e o outro, e vice-versa. Afasta e cria espaços de solidão. Porém ao voltar-se para si, a pessoa pode se surpreender.

Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite. (Lispector 1998e: 32)

Dolto (1998) diz que as cidades são espaços solitários porque as pessoas não cuidam de outros seres humanos, mas esperam ser cuidadas. Se basearmos na premissa junguiana dos arquétipos femininos e masculinos, entenderemos que ao nos afastarmos de um ou outro princípio ficamos submissos a rigidez ou a futilidade. Caso ocorra a oportunidade do encontro, este não se efetiva, pois o relacionamento não estabelece reciprocidade e a dependência se coloca como parte da dinâmica da relação. Para Jung (1967), somos formados pelos princípios

masculino (animus) e feminino (anima), sendo a experiência amorosa uma oportunidade de desenvolvermos o aspecto mais diminuto de nossa psique. Assim, o animus representa a palavra, o poder, os atos e os processos da linguagem. É o mundo da ordem. Já a anima associa-se a naturalidade, união e relacionamento. É o mundo da espontaneidade.

Ulisses e Lóri são representantes dos símbolos de encontros e desencontros da história pessoal de cada um na busca de si mesmo e do outro, ou seja, o sonho da totalidade. Ambos estão em busca do amor e até a sua expressão completa, tem que passar por momentos de sofrimento e isolamento. Ao buscarmos nossa totalidade temos que percorrer o caminho da individuação, experimentar a solidão, tornar-se consciente de si mesmo, integrando-se, para conseguir olhar o outro.

A qualidade dos relacionamentos interpessoais e o sentir-se só dependem de como o ser humano se coloca no mundo. Para tal, parece que ao lermos Clarice há um pergunta implícita ao leitor: qual é a vida que quero viver?

Talvez eu ache um outro nome, tão mais cruel a princípio, e tão mais ele-mesmo. Ou talvez não ache. Amor é quando não se dá nome à identidade das coisas? (Lispector 1998b: 58)

O final do romance “Uma aprendizagem ou o livros dos prazeres” é com dois pontos. Isso parece ser um símbolo para toda obra de Clarice, isto é, mostra como é imperativo a continuação do diálogo interno para nos colocarmos no mundo. Mas cabe cada leitor entender e isso é uma viagem pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Responder a costumes como um dever somente conduz as pessoas ao isolamento social por não haver espaço pra trocas emocionais e intelectuais. A consciência que tanto valorizamos é desenvolvida por meio da interação com o mundo. Porém, nos isolamos em nosso sofrimento e não abrimos espaço para o encontro.

A desumanização é tão dolorosa como perder tudo, como perder tudo, meu amor. Eu abria e fechava a boca para pedir socorro mas não podia nem sabia articular. (Lispector 1998b: 49)

Basta abrir os jornais, para vemos que a vida está pesada demais para carregarmos sozinhos. Sensibilizar-se é reatar os laços sociais e tirar do espaço público, o aspecto ameaçador. Algo que se reflete nos relacionamentos, que ao mesmo tempo em que é valorizado, torna-se fonte de sofrimento para as pessoas. A vida individualista nas sociedades contemporâneas ocidentais tem provocado um vazio (Moreira & Callou, 2006). Esse isolamento pode falar de várias pessoas, porém não há eco. “O discurso amoroso é hoje de uma extrema solidão”, afirma Barthes (2003).

Neste contexto, por mais que sejam ampliadas as oportunidades de conhecer outras pessoas, não há um encontro e as pessoas sentem-se cada vez mais sozinhas (Lipovetsky, 1996). Lóri representa esta solidão, a falta de capacidade de se doar às relações e ao mundo. Contudo, esse período de solidão poderia ser utilizado para que as pessoas pudessem entrar em contato consigo mesma e ampliar seus limites emocionais ou intelectuais, como ocorre com G.H. Ou seja, experimentar a solidão como “a capacidade de estar só na ausência do outro” (Seewald *et. al.*, 1995) e não sofrer com isso, como vemos no romance de Macabéa.

Relacionar é que permite o ser humano a ser, foi à busca de contactar o outro que nos tornou humano e daí, construímos uma relação com o mundo até então desconhecida. Então, passamos a narrar nossas histórias e criamos a literatura. Através da leitura aprendemos lições para o desenvolvimento da empatia, a intimidade, a comunicação, respeito, entre outros aspectos presentes nas relações humanas. Sendo que o amor a base e o maior prêmio e a solidão, a maior das maledicências. Os romances de Clarice Lispector nos mostram que não é bem assim.

Apesar do hedonismo do amor nos dias de hoje, as mulheres ainda experimentam a sexualidade como fonte de medo e frustração. Nesse sentido, as mulheres ainda associam sua feminilidade muito mais ao papel de cuidadora, deixando a vida sexual ser orientada pelos homens. Ainda assim, ambos os sexos consideram que a equidade é o ideal para uma relação amorosa prazerosa (Diaz-loving, 2004). O autor destaca ainda que o fato da cultura valorizar o espaço privado como feminino cria altas expectativas e pressões sobre como elas transitam por esse lugar e reflete negativamente na auto-avaliação de suas relações amorosas. Como bem vemos ilustrados na obra de Lispector.

Tanto amor como a solidão são construções sócio-históricas e fornecem modelos de comportamentos que vão legitimar nas pessoas suas experiências. A transição pelas polaridades

positiva e negativa depende da história pessoal. A solidão então se apresenta como um inimigo que deve ser combatido, aumentando os vazios que não são preenchidos na vida pessoal, mas, acima de tudo, social. Sentir-se só é sentir-se alheio à sociedade, contudo reforça o quanto a nossa existência é dotada de sentido pelos seus contextos sociais. Porém uma reprodução que coloca o sujeito alheio a si mesmo também é estéril para o encontro social.

A literatura é uma representação coletiva das vivências humanas. Na obra de Clarice Lispector nos deparamos com símbolos de encontros e desencontros da história pessoal de cada um na busca de si mesmo e do outro, ou seja, o sonho da totalidade. Mas para isso é preciso olhar para si e os romances de Clarice pode ser um espelho interessante para isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, I. (2004). “Clarice Lispector: bem perto do coração selvagem da vida”. *Comum*, nº 23 (10): 78 - 90.
- BARTHES, R. (2003). *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes.
- BAUMEISTER, R. F.; LEARY, M. R. (1995). “The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation”. *Psychological Bulletin*, nº 117: 497–529.
- BERG, J. H., MCQUINN, R. D. (1989). “Loneliness and aspects of social support networks”. *Journal of Social and Personal Relationships*, nº 6: 359-372.
- BERKIN, S. C.; MORALES, Z. R. (2000). “El amor como vínculo social, discurso e história: aproximaciones bibliográficas”. *Espiral*, nº17 (6): 49-70.
- BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (2000). “Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no Século XX”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, nº 16(3): 233-239.
- CRAMER, K.M.; NEYEDLEY, K.A. (1998). “Sex differences in loneliness: The role of masculinity and femininity”. *Sex Roles*, nº 38 (7-8): 645-653.
- DE JONG GIERVELD, J. (1998). “A review of loneliness: Concept and definitions, determinants and consequences”. *Reviews in Clinical Gerontology*, nº8: 73-80.
- DIAZ-LOVING, R. (2004). “Configuration and integration of psychosocial components in mexican couples relations”. *Interdisciplinaria*, nº 21 (1): 53-70.
- DOLTO, F. (1998). *Solidão*. São Paulo: Martins Fontes.
- ERNST, J. M.; CACIOPPO, J. T. (1999). “Lonely hearts: on loneliness”. *Psychological perspectives Applied & Preventive Psychology*, nº 8:1-22.
- FRIDMAN, L.C. (2000). *Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- FROMM, E. (2000). *A arte de amar*. São Paulo: Martins Fontes.
- GIDDENS, A. (1995). *As transformações na intimidade*. Oeiras: Celta Editora.
- HINDE, R. A. (1997). *Relationships: A dialectical perspective*. UK: Psychology Press Publishers.
- JUNG, E. (1967). *Animus e Anima*. São Paulo: Cultrix.
- LAROSE, S., GUAY, F., BOIVIN, M. (2002). “Attachment, social support, and loneliness in young adulthood: A test of two models”. *Personality and Social Psychology Bulletin*, nº 28 (5): 684-693.

- LAU, S., KONG, C. (1999). "The acceptance of lonely others: Effects of loneliness and gender of the target person and loneliness of the perceiver". *The Journal of Social Psychology*, nº139 (2): 229-41.
- LEITE, D. M. (2000). "A realidade americana na literatura". *Psicologia USP*, nº 11(2): 95-102.
- LIMA, T. C. S.(2004). *A tradução e os prazeres de descobrir o mundo de Clarice Lispector*. (Dissertação de mestrado em Estudos Lingüísticos do Programa de pós-graduação de Biociências, Letras e Ciências Exatas) Campus de São José do Rio Preto. Universidade Estadual Paulista
- LIPOVETSKY, G. (1996). *La era del vacío*. Barcelona: Anagrama.
- LISPECTOR, C. (1999a). *Um sopro de vida: Pulsações*. São Paulo: Rocco
- (1999b). *Perto do coração selvagem*. São Paulo: Rocco.
- (1998a). *A cidade sitiada*. São Paulo: Rocco.
- (1998b). *A paixão segundo G. H.* São Paulo: Rocco.
- (1998c). *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. São Paulo: Rocco.
- (1998d). *Água viva*. São Paulo: Rocco.
- (1998e). *A hora da estrela*. São Paulo: Rocco
- (1992). *A maçã no escuro*. São Paulo: Rocco
- MILEVSKY, A. (2005). "Compensatory patterns of sibling support in emerging adulthood: variations in loneliness, self-esteem, depression and life satisfaction". *Journal of Social and Personal Relationships*, nº 22: 743-755.
- MONTES, M. (2000). "El amor, base fundamental del ser saludable". *Colombia Médica*, nº 31(1): 49-54.
- MOREIRA, V.; CALLOU, V. (2006). "Fenomenologia da solidão na depressão". *Mental*, nº.4 (7): 67-83.
- NERI, M. C. (2005). "Sexo, casamento e solidão". *Revista Conjuntura Econômica*: 66 – 70.
- PEPLAU, L. A., PERLMAN, D. (1982). *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy*. New York: Wiley.
- PERLMAN, D., JOSHI, P. (1989). "The revelation of loneliness". In: M. Hojat & R. Crandall (Eds.), *Loneliness: Theory, research and application*. London: Sage.
- POSSATTI, I. C., DIAS, M. R. (2002). "Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar psicológico", *Psicologia: Reflexão e Crítica*, nº15 (2): 293-301.

- PRIORE, M. D. (2005). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- ROSA, S. (1998). “História da educação no Brasil: a Literatura como fonte alternativa”. Paper apresentado no IV Congresso Iberoamericano de la Educacion Latinoamericana, Santiago-Chile.
- ROSALDO, M. (1995). “O uso e abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, nº 1: 11-36.
- ROTENBERG, K. J. (1994). “Loneliness and interpersonal trust”. *Journal of Social and Clinical Psychology*, nº13 (2): 152-173.
- ROUGEMONT, D. (2003). *História do amor no Ocidente*. São Paulo: Ediouro.
- RUSSELL, D., et al. (1984). “Social and emotional loneliness: An examination of Weiss’s typology of loneliness”. *Journal of Personality and Social Psychology*, nº 46: 1313-1321.
- SEEWALD, F. et al. (1995). “O tema da solidão: Klein e Winnicott revisitados”. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, nº 17(1): 29-37.
- SILVA, V. V. A. (2006). *De repente do riso fez-se o pranto: representações e expressões do amor e do sofrimento amoroso* (Dissertação de mestrado do Programa de pós-graduação de Ciências Sociais). Universidade do Rio grande do Norte.
- STORR, A. (1996). *Solidão*. São Paulo: Paulus.
- SZAPIRO, A. M., FÉRES-CARNEIRO, T. (2002). “Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, nº 15(1): 179-188.
- TANIS, B. (2003). *Circuitos da solidão: entre a clínica e a cultura*. São Paulo: Casa do psicólogo/ FAPESP.
- YOUNG, J. E. (1982). “Loneliness, depression and cognitive therapy: Theory and applications”. In: L. A. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy*. New York: Wiley.
- WEISS, R. S. (1982). “Issues in the study of loneliness”. In: L. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy*. New York: Wiley.
- WINNICOTT, D. W. (1982). “A capacidade para estar só”. In: *O ambiente e os processos de maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 31-37.
- ZELDIN, T. (1994). *História íntima da humanidade*. Lisboa: Editorial Teorema.